



ARPILLERAS: MULHERES DE PERUS COSTURANDO A RESISTÊNCIA NA SALA DE AULA

Patrícia Siqueira Melo¹
Adriana das Graças de Paula²

Este relato de experiência quer apresentar o trabalho feito com mulheres de Perus que, através das Arpilleras, registraram suas experiências de vida marcada pelos amores, dissabores e cicatrizes da vida e suas propostas para o combate às violências cometidas contra a dignidade dos seres humanos.

As arpilleras são técnicas de costura que se originaram no Chile no final da década de 1960. Durante a ditadura militar chilena (1973-1990), essa técnica foi utilizada por um grupo de mulheres bordadeiras de Isla Negra para registrar a vida cotidiana das comunidades e para expressar e denunciar o processo de repressão promovido pelo regime autoritário. Do Chile, a tradição das arpilleras se espalhou pelo mundo, chegando a outros países da América, Ásia e Europa.


No Brasil, essa técnica vem ganhando força, sobretudo, a partir do trabalho realizado por mulheres do Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB). Influenciadas por essas brasileiras e por mulheres chilenas, decidimos organizar uma oficina no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) localizado no bairro de Perus, zona noroeste da cidade de São Paulo. Sob o título “Arpilleras de Perus”, as oficinas se realizam todas às sextas-feiras, das 8h às 10h da manhã, tendo como público as educandas da unidade escolar.

Uma das propostas dessa oficina era possibilitar um espaço de confiança para que as mulheres participantes expressassem suas memórias reveladoras de situações de contradições da sociedade, resultantes das desigualdades de classe, raça, gênero e sexualidade. Além disso, o caminho construído foi perceber a memória com algo a ser contada, anunciada, libertando-a dos medos que a condicionou ao silêncio e ao esquecimento, mas ao mesmo tempo, trazendo a tranquilidade e o respeito para as situações em que o sujeito/participante opta pelo silêncio. Nesse sentido, quais são as memórias que merecem ser preservadas? As memórias que

¹ Graduada em Pedagogia, Universidade Federal de São Carlos, pati.melo.2015@gmail.com.

² Mestrado em História, Universidade de São Paulo, adriana gep@yahoo.com.br.





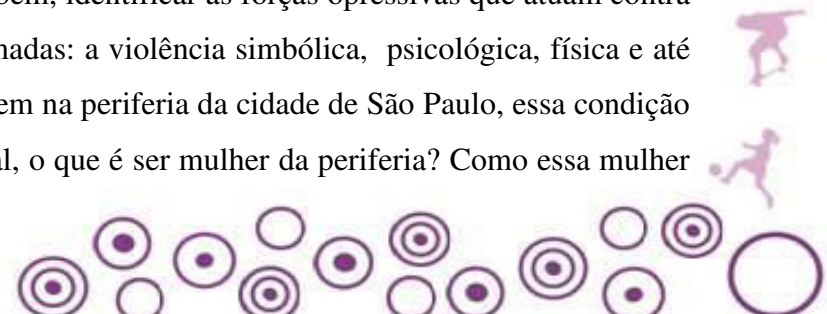
potencializam a formação da subjetividade compartilhada e resgatada por meio da arte como forma de resistência.

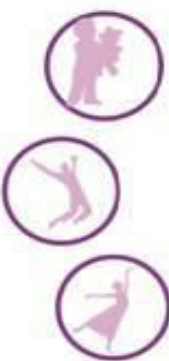
Assim, no primeiro dia da oficina, a sala foi organizada com cadeiras formando um grande círculo. Recebemos as estudantes com um simples, mas aconchegante café da manhã para poder construir os primeiros laços afetivos entre as mulheres. Após esse momento de descontração, realizamos a atividade que denominamos de “Ponto de Encontro”. Trata-se de uma dinâmica em que cada uma das participantes, inclusive as educadoras da oficina, foram convidadas a se apresentarem e relatarem momentos marcantes de sua vida. A participante que começava a fala segurava o novelo de linha em suas mãos, passando o mesmo quando o relato terminava para outra companheira, que não necessariamente estava ao seu lado, formando, desse modo, uma linda teia. Nesse momento, ao escutar os relatos, algumas educandas se encorajaram e falaram sobre violências sexuais que sofreram ao longo de suas vidas, bem como, violação de direitos como à educação, pelo simples fato de serem mulheres. Além disso, muitas histórias de humilhações e desrespeitos que foram vivenciadas por elas ao trabalharem como empregadas domésticas.

Pudemos, então, perceber que o coletivo é formado de mulheres marcadas por diferentes violações e que essas guardadas nas memórias influenciaram a maneira como cada uma vê o mundo, o interpreta e se posiciona nele. Mas, ao se encontrarem num ambiente respeitoso, percebemos que a denuncia de violações de uma encoraja outras a falarem e elas começam a perceber que não são as únicas a terem vivido situações de desrespeito e passam a se questionar: por que somos e fomos vítimas de casos de opressão?

Essa reflexão leva a tirar de algumas o peso da culpa e a pensarem os motivos pelos inúmeros casos de violações de direitos humanos. Sem dúvida, trata-se de uma dinâmica que integra o grupo por meio da identificação de pontos em comum. No caso, esses pontos são, geralmente, os casos de violências. Nesse momento, retoma-se a questão do gênero em nossa sociedade, que como aponta Joan Scott (1990) é uma construção social que não se apresenta sempre da mesma forma em todas as épocas e lugares, referindo-se às relações entre homens e mulheres, relações essas de poder, que alimentam e reforçam outras desigualdades, como as de classe e de raça.

Nos próximos passos da oficina, foi desnaturalizar o papel da mulher na sociedade como um ser frágil e passiva, como também, identificar as forças opressivas que atuam contra os corpos das mulheres em diversas camadas: a violência simbólica, psicológica, física e até econômica. Como são mulheres que vivem na periferia da cidade de São Paulo, essa condição também delinea suas identidades. Afinal, o que é ser mulher da periferia? Como essa mulher





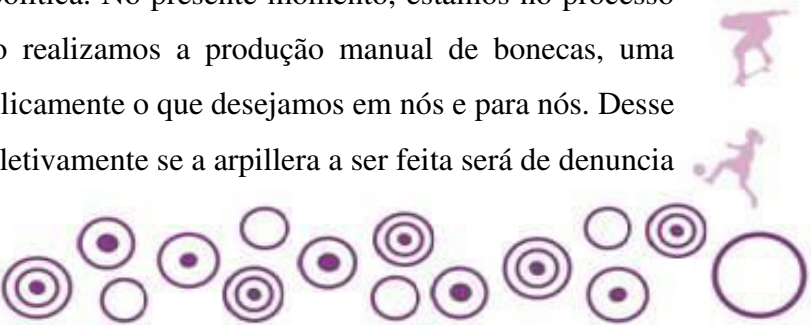
é geralmente representada na mídia? O que é representado nesta mídia corresponde com o que eu sou? Com base nessas perguntas e nas relações entre gênero, raça/etnia, classe social e sexualidade, a oficina começou a abordar a identidade dessas mulheres, trazendo a temática “Não é você que me define”.

Utilizando do documentário “Nós Carolinas” produzido pelo coletivo “Nós, mulheres da periferia”, buscamos sensibilizar as educandas com quatro histórias de lutas e resistências de mulheres que vivem em regiões da periferia da cidade de São Paulo. Ocorreu um debate após exibição do documentário enriquecido com falas dessas mulheres e, novamente, relatos de violências às quais foram submetidas. Em seguida, houve o trabalho com revistas de grande circulação, a fim de questionar os padrões de beleza estabelecidos.

Então, como as revistas não nos representam, as mulheres foram incentivadas a realizarem uma sessão de fotos diferentes, em que elas escolheram a forma como queriam ser vistas. O convite foi inicialmente recebido com certo receio. Estar em frente a uma câmera, para muitas, representavam afirmar os preconceitos e evidenciar algumas marcas que a sociedade despreza como os dentes que não se enquadram em um “sorriso colgate”, cabelos crespos e desalinhados, uso de óculos, marcas de rugas e por estarem velhas. Porém, fazendo as conexões com o dia da oficina “Não é você que me define”, as educadoras mediarão o processo de desconstrução dessas marcas a fim de que as educandas dessem o significado para essas marcas. Nesse momento, soltaram seus cabelos, quiseram batons para marcar suas bocas, libertaram seus corpos, enfim, se permitiram a tal experiência como uma possibilidade delas se mostrarem ao mundo e não como os outros gostariam que elas fossem. Por fim, as fotos foram impressas no tamanho A3 e expostas na parede do Cieja Perus I.

É importante destacar que os casos de violência contra as mulheres, expressas em suas diferentes formas e tipos – sexual, moral, física, psicológica e simbólica - são recorrentes nas falas das educandas desde o início da oficina. Optamos, nesses primeiros momentos da oficina, ouvir, exercitar a escuta a fim de integrar o grupo, criando um clima favorável para a participação de todas.

Feito todo esse processo dialógico de discussão, reflexão e de desconstrução partimos para a confecção das arpilleras. Assim, foi feita a contextualização histórica da técnica de bordado- Arpilleras, apresentando sua proposta de interação entre as mulheres, de denúncia e de ser uma nova forma de manifestar a política. No presente momento, estamos no processo de confecção das arpilleras. A princípio realizamos a produção manual de bonecas, uma forma de linguagem para expressar simbolicamente o que desejamos em nós e para nós. Desse modo, estamos no momento de decidir coletivamente se a arpillera a ser feita será de denúncia





ou conceitual a partir da temática dos direitos humanos que implica combater e denunciar as diferentes formas de violência que ataca a dignidade da mulher.

Referências

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Mulher e educação. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, jul. 1990.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

